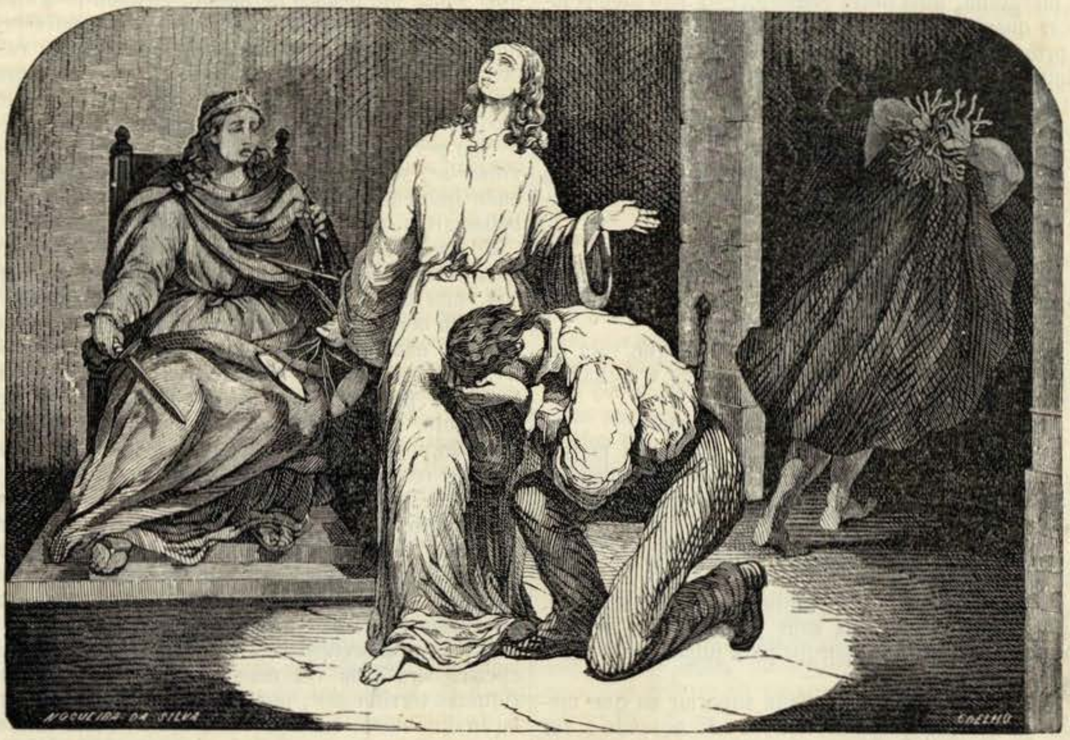


O arrependimento. — Composição e desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

A egreja estabelece como principios axiomaticos e inviolaveis, que a alma humana é uma emanação da alma divina, e toda a má paixão uma influencia d'espirito opposto á natureza de Deus.

Serão verdadeiros os fundamentos d'este dogma, haverá coherencia entre estes dois principios?

São e ha; e, para achar ou ver o porque d'este *são* e d'este *ha*, basta-me, apenas, considerar o arrependimento.

O que é arrependimento?

Reparação moral do crime.

D'onde resulta esta reparação?

Do trabalho do remorso.

E o que é o remorso?

Amargo reconhecimento do erro, saudades pungentes dos tempos em que a alma viveu sã, desespêro de uma dor irremediavel, tortura eterna da alma por se ver manchada na sua pureza divina.

Como se explica, porém, este trabalho de virtude elaborado no mesmo e pelo mesmo seio d'onde o crime operou?

Não é evidente que uma grande, tremenda lucta se trava entre dois elementos oppostos, contradictorios, incompativeis, essencialmente inimigos?

É.

Mas qual d'elles é o estranho, que invadiu e tanto incommoda o espirito, e qual tomou a iniciativa do combate?

É o crime, espirito errante e maligno; foi a virtude, qualidade permanente da alma humana, emanação da divindade.

Quando pelas faces rolam lagrimas d'amor, de gratidão, de saudade e de misericordia, o homem vive no seu estado natural.

Quando os olhos se cerram na presença da desgraça e da miseria, quando a voz se altera para calumniar, quando o braço se ergue para ferir, o homem vive n'um estado artificial.

No primeiro caso escuta a voz da sua alma, tal como saiu dos labios de Deus.

No segundo, obra pelos artificios d'uma influencia estranha, que malignamente se apoderou do seu espirito.

Porque,

Para as boas acções marcha o homem sempre apressado, com a fronte descoberta e prazenteiro;

O reconhecimento ou a consciencia propria do bom caminho que trilha, trasbordando de alegria, ressumbra-lhe pelo rosto a expressão do amor e da sympathia;

Perante a gratidão que o abraça e cobre de sentido pranto, ou a fama que lhe apregoa as virtudes, os seus olhos arrazam-se de lagrimas d'intima satisfação;

A sua vida é um gozo continuo d'amenas e salutares delicias, a tranquillidade risonha d'amigas recordações;

No presente que vae passando e reverdecendo, não vê senão flores, no futuro a salvação, Deus com os braços abertos para o receber;

Cousa alguma o assalta, que lhe perturbe este feliz viver, nem a acharia, se a procurasse.

Em quanto que,

Para as más acções marcha o homem sempre devagar, com a fronte encoberta, receioso, trémulo e assustado, ainda mesmo quando seguro do exito e segredo da empreza, porque o homem nunca assassina com o coração tranquillo.

Suppôr que a alma é uma emanação divina, porque no seio das virtudes vive socegada, alegre e interdicta ao remorso, que esse é o seu estado natural, é um raciocinio que pende da idea que se faz ou tem

de Deus, e uma consequencia logica de sua origem; Suppôr que o crime é uma influencia estranha e que a alma existe n'um estado anormal, quando n'elle se mergulha, uma outra consequencia não menos logica, que não se póde deixar de acceitar sem negar o primeiro principio, ou cair no grave absurdo de admittir que as causas produzem effeitos de natureza diversa.

Se nada d'isto fosse verdade, o remorso e o arrependimento eram impossiveis.

O arrependimento é o reverdecimento da alma na pureza esplendida e grandiosa da sua divina descendencia.

Por isso a egreja o acceita e exalta.

A maior das bellezas do christianismo é perdoar ao criminoso quando contrito; a maior das imperfeições das leis sociaes é condemnal-o.

Entre a disposição moral do homem que vem do confissionario e a d'aquelle que sae do tribunal da justiça humana, que differença ha?

Qual dos dois trará veneno no coração?

Não falla mais ao coração, não convence mais a alma a admoestação magoada e carinhosa e a absolvição generosa, do que a apostrophe severa e o castigo inflexivel?

A justiça humana não embainha a espada senão em presença do justo.

Para o criminoso arrependido, que é um justo, martyr do remorso, os seus golpes estão sempre promptos e infalliveis, porque para julgar basta-lhe o facto.

Suppõe-se a justiça humana superior ao que melhor do que ella julga a culpa, e não entende a voz de Deus que elle sentiu vibrar-lhe no peito e comprehendeu com inspirada intelligencia!

Como a sociedade é contradictoria nas proprias leis de sua constituição!

Abraça as leis da religião nas ceremonias, repelle-as e insulta-as na pratica!

A gravura que hoje apresentâmos desenha todas as idéas que, ao correr da penna, vimos de lançar ao papel.

Um criminoso se arrepende; repellido pela contrição, o genio do mal foge para as trevas d'onde saiu, desesperado e espavorido; não obstante, a justiça humana continúa a pesar o crime do culpado, e vae despedir-lhe o golpe, quando a justiça divina desce dos ceos, segura as profanas balanças, e, apontando para o crime já prestes a sumir-se nas trevas, implora do supremo Deus a devida misericordia.

Um feixe de luz celeste illumina n'este momento o anjo e o criminoso arrependido, que aos pés d'este se vê prostrado em contrito pranto, como signal da absolvição divina.

Ao delicado buril de Coelho devo eu o primor com que este quadro deve forçosamente impressionar o leitor.

NOGUEIRA DA SILVA.

INFLUENCIA DAS ARTES DO DESENHO SOBRE O COMMERCIO E RIQUEZA DAS NAÇÕES.

(Conclusão.)

Quando a pintura desenvolveu todos os seus recursos, quando brilhou pela pureza do desenho, pela riqueza do colorido, pela escolha e expressão das affeições da alma, pelos encantos reunidos da illusão e da belleza, é que as numerosas artes que empregavam o desenho e o colorido, e todas as artes d'industria commercial, em geral, animadas, esclarecidas e empenhadas, pelo gosto aprimorado do publico, em produzir obras bellas, chegaram á perfeição. Foi então que o pintor exclamou ao fabricante: — «Eu imito as flores, os fructos, o ar, o ceo, o raio e a alma dos seres animados; uma pouca de poeira que appliquei sobre um pedaço de panno, ensinou-te a amar, a tremer e a esperar; nada, pois, deve parecer-te impossivel ou extravagante; procura, estuda, reflecte; combina, imita, escuta as minhas lições; segueme, que eu sigo a natureza, poesia da minha alma, modelo eterno das minhas inspirações!»

Não percamos de vista o povo que principia a civilisar-se, sobre o qual fixámos o nosso raciocinio, e onde queremos estudar os effeitos progressivos das bellas-artes sobre a industria e o commercio.

Se, pela convisinhança d'este povo, nós suppomos uma outra nação saíndo da barbaria, na mesma epocha, mas na qual a fertilidade do seu territorio lisonjea o ocio, e os principios ou a indifferença do seu governo não protegem nem provocam o amor e cultivo das bellas-artes, vemos que, ou os legisladores terão de prohibir, com leis severas, a esta nação ignorante, o gozo de todos os objectos de luxo, ou ella não poderá, apesar de affeita á sua monotonia e inercia, resistir ás commodidades e encanto do gozo, porque o instincto do bello é, como já dissemos, um sentimento natural e innato, que o estudo e o amor de gozar desenvolvem, mas que reside em todo o homem, seja qual for a sua posição moral. Que resultará pois? Privada do soccorro das bellas-artes, uma tal nação ver-se-ha obrigada a receber da nação visinha as producções da arte e do gosto, que esta aperfeiçoará cada vez mais; em troca dará as suas riquezas territoriaes; por consequencia, a sua população diminuirá, em logar de crescer; uma, fará um commercio activo, que lhe augmentará o poder; a outra, um commercio passivo que a empobrecerá de todo. A fabricação d'objectos de luxo ha de enriquecer a primeira, um imprudente consumo arruinará a segunda; e quanto mais a nação industriosa for melhorando e desenvolvendo as suas artes, tanto menos facil será á nação tributaria sair da sua humilhação.

Não faltariam exemplos, se a elles quizessemos recorrer. Volvamos os olhos para a memoravel Thessalia, que n'outros tempos foi o celleiro da Grecia, e que, hoje, o é dos turcos. Sem a batalha de Pharsalia, sem esses combates fabulosos dos Centauros e Lapithas, que os poetas e os artistas tanto immortalisaram, ninguem conheceria a Thessalia. Thebas, no meio das cidades commerciaes da Grecia, orgulhosa de seu territorio, desprezava o commercio e as bellas-artes, e não teve a prudencia de rejeitar os productos da industria estrangeira. Thebas não brilhou, senão um instante. Que é feito da Polonia? Não existe.

Para tornar a influencia das artes do desenho ainda mais sensivel, em logar de considerar dois povos principiando a civilisar-se, dos quaes um favorece as artes em quanto o outro as despreza, supponhamos duas nações elevadas ao mesmo grão de riqueza e poder, possuindo um territorio egualmente fertil, n'uma posição geographica do mesmo modo vantajosa ao commercio; supponhamos tambem que fazem eguaes progressos nas sciencias, que só no cultivo e desenvolvimento das bellas-artes marcham desunidas. (Esta supposição não é contradictoria, e não accusa senão um estado de cousas realmente existentes, porque as sciencias consistindo em conhecimentos de facto, as conquistas scientificas d'uma nação, apenas rebenta a fama, tornam-se logo fontes de riqueza para todas as outras; em quanto as bellas-artes são o patrimonio do sentimento: por estas não se brilha senão por uma maneira de ver justa, sagaz, longamente exercitada por uma theoria delicada, que os prejuizos alteram e destruem facil-

mente; além d'isso as bellas-artes exigem da parte dos governos sabios e constantes favores). Supponhamos, pois, no seio da Europa moderna, duas nações eguaes em tudo, excepto na perfeição das artes do desenho; rivaes na fabricação e venda de todas as producções das artes d'industria commercial, qualquer que seja o seu genero: moveis, vestuarios, vasos, livros, galanterias, etc. Ponho de parte, n'esta supposição, os productos directos das bellas-artes, quadros, estatuas, etc., que são tambem um objecto de commercio. Qual d'estas nações rivaes brilhará mais e ganhará, portanto, a palma da supremacia?

Os factos respondem por mim.

Os engenhosos athenienses fabricavam uma especie de vasos que vendiam, com grandes lucros, aos gregos e aos asiaticos, e cuja fórma se devia á arte de Thericles. Os vasos thericleanos eram magestosos, porém grandes e pesados. A emulação dos rhodianos inflammou-se; este povo artistico e commerciante não tolerava rivaes: fabricou os *hédypotidos*, que reuniam aos contornos, nobres e vastos, da sua fórma, muita mais elegancia e ligeireza. Athenas ficou derrotada. Os vasos thericleanos ornam ainda, verdade é, a mesa sumptuosa dos ricos; mas os *hédypotidos* embellezam os festins dos homens de todas as classes do universo. Que exemplo! que lucta! Não só as nações que desprezam as bellas-artes se curvam ao peso da grandeza das nações habeis. O genio vence o genio; o gosto ultrapassa o gosto.

Nada mais direi sobre este ponto. Basta-me fazer reconhecer que em todos os generos de fabricações, o povo mais habil nas artes do desenho foi, é, e será sempre aquelle que humilha os rivaes, e ganha a coroa do triumpho.

O commercio exerce-se sobre materias primas e sobre objectos fabricados; mas em que utilisaria o commercio das materias primas sem a fabricação que converte estas materias em obras? De que serviria a um povo civilisado, ou antes, para que nos serviria a cochenilha, o indigo, o páo de campeche, as madeiras d'ornamento, e uma parte das nossas lãs, dos nossos algodões, das nossas sedas, e, mesmo, dos metaes, que numerosos obreiros trabalham, sem este gosto geral, sem este desejo da vida commoda e agradavel que as artes espalham? De que necessita o homem apagando-lhe as luzes que o dirigem, amortecendo-lhe o gosto que as bellas-artes aperfeiçoam, os desejos que lhe despertaram? Sem o amor do superfluo, que as producções das nossas artes hão excitado entre os selvagens, os animaes que estes destruem viviriam em paz, os tigres conservariam as suas pelles, os monstros marinhos o seu oleo, as abelhas o seu mel, e a civilisação deter-se-hia nos seus primeiros passos. Do mesmo modo; roubae ao gosto uma parte da sua vida, e todo o systema d'industria e commercio, que faz hoje o poder dos imperios, cairá pela sua base. Afrouxando o desejo das cousas agradaveis e commodas, a procura das producções da industria será menor, conseguintemente fabricar-se-ha menos, e, portanto, a população diminuirá; a procura das substancias escaceará; o commercio das materias primas e os proprios productos da agricultura enfraquecerão; haverá menos circulação; será mais difficil estabelecer impostos, e os povos recairão, em fim, na barbaria d'onde as luzes e o gosto os tinham arrancado.

Não só, pois, a pintura e todas as outras bellas-artes esclarecem as artes d'industria commercial, mas criam tambem o commercio, apressam o arado que lavra as nossas terras. Queimae os quadros, incendiae os museus, as bibliothecas, e as chammas chegarão aos campos de Ceres; parti o Apollo de Belvedere, e tereis esmagado no seu germen milhares de bagos de trigo.

Quaes são os espiritos beneficos e liberaes que revelaram a esta nação, ha pouco selvagem, os segredos intimos da arte, a crearem tantos meios de commercio, de riquezas, de poder e de gloria? Homens de superiores faculdades, fadados para serem os instrumentos da fortuna publica.

Uns, procurando nas producções da natureza as substancias uteis ao genero humano, estudaram, analysaram, compararam os vegetaes, os mineraes, os elementos animaes, aproveitaram os saes, compozeram tincturas, convertendo as materias mais vis, apparentemente, em profusos e fecundissimos recursos para as artes todas; fundiram e ligaram os metaes; combinaram os numeros, mediram as grandezas, descobriram as leis do movimento e da gravidade, apreciaram a força das resistencias; abriram, se assim me posso exprimir, os ceos; com os calculos sondaram os abysmos; compenetraram os segredos da harmonia dos corpos celestes; traçaram sobre a vastidão dos mares a directriz dos caminhos achada por elles no meio dos astros.

Mas tão maravilhosos resultados não bastariam.

Outros consideraram no magestoso espectaculo de terra e ceos tudo que mais eloquentemente falla aos olhos, á alma, e ao coração; a nobreza e a elegancia dos corpos; a dupla conveniencia da fórma com o fim, da fórma com a natureza do homem, que d'ella faz o principalissimo instrumento de seus gozos; o homem em si, isto é, o homem manifestando a sua vida, desdobrando com sua belleza a grandeza da sua alma, no repouso, na acção, na alegria, na dor, no seio das differentes paixões; as combinações admiraveis da purpura, azul, vermelho e esmeralda que brilham nos veludos dos fructos; a pureza da agua e a transparencia do ar; a alegria da luz e os effeitos phantasticos das trevas; sentiram, apreciaram e representaram em suas obras todas estas maravilhas. A natureza prescreveu-nos o culto do bello, e estes homens foram os seus ministros. Nobres funcções! O marmore, animado pelo genio, fallou; o latão desferiu harmonias; não contentes de representarem passaros, animaes, plantas, modelaram deuses, e os seculos mais esclarecidos adoraram as suas obras.

Que vasta, que profundissima influencia exercem sobre o gosto geral os genios constantemente applicados a revestirem todas as cousas de graça e perfeição! Depois de admirarem a abobada celeste, imitaram-na até á completa illusão com o lapis e o pincel. Inspirados pela vinha amorosa, estreitando com seus ramos a arvore que se balouça nos ares, conceberam a idéa da bordadura. Deram fórma a espadas scintillantes, capacetes que espalham o terror, a carros d'onde se precipitam e combatem os heroes. Construiram a abobada dos templos, descobriram os instrumentos dos sacrificios, dispozeram os ornamentos dos altares, promulgaram as leis da pompa das ceremonias religiosas e dos jogos publicos. Interpretes da natureza, medianeiros entre ella e o obreiro, compozeram modelos que mãos mediocres, por elles dirigidas, podem executar. Não me exprimo bem: embellezaram o homem da natureza, ennobreceram-lhe as fórmas, á imitação dos deuses que sinzelaram.

«Ó Myro! exclamava um poeta, quando tu modelaste essa vacca que um pastor tomou pela sua, e a novilha por sua mãe, fizeste mais que os deuses; porque estes são deuses, e tu és apenas homem: eralhes mais facil crearem o teu modelo, do que a ti imital-o.»

Prestemos egual homenagem a todos os genios extraordinarios que, com o pincel, com a penna ou com giz, beneficiaram e beneficiam a humanidade. Condemnemos, de uma vez para sempre, absurdas distincções e apaixonados preconceitos, que só me-

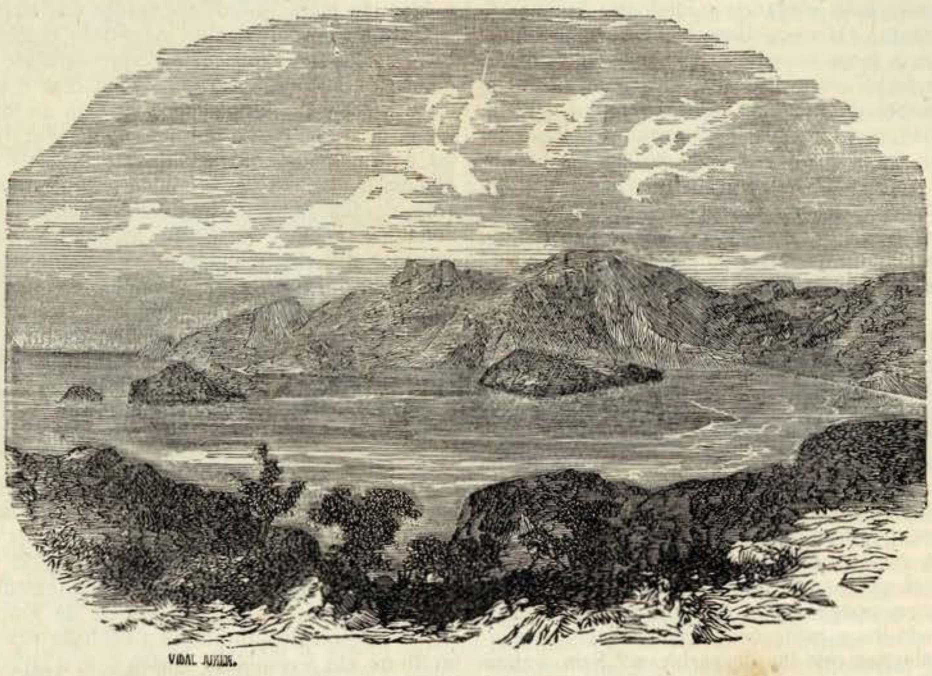
diocres e ignorantes archivaram, ou na humilhação do seu servilismo, ou no vão delirio e desespêro da sua inveja e inepcia. Como determinar qual é mais admiravel e carece de maiores e mais profundos recursos intellectuaes, se a força do genio que submette aos calculos os mundos e os atomos, se o poder d'aquelle que anima o marmore, que aprecia, imita e cria, d'alguma sorte, a belleza? Como estabelecer preeminencias entre Euclides e Polygnoto, entre Pythagoras e Phidias, entre Archimedes e Praxiteles, entre Raphael e Descartes, entre Miguel-Angelo e Newton?

A imaginação não orna de flores os trabalhos do sabio? A theoria não dirige os trabalhos do pintor e do estatuario? Por muitas vezes o genio poetico conduziu o geometra a admiraveis descobertas, e o genio do calculo revelou ao artista os recursos da sua arte.

O homem imitou o corpo do seu similhante e mediu a profundeza dos ceos, porque tinha a faculdade de sentir, de imaginar, de analysar, de querer. As bellas obras que offerece á admiração publica são o producto de todas estas faculdades que o tornam rei da natureza.

Assim, pois, a pintura, as artes do desenho, todas as bellas-artes em geral, promovem e contribuem superiormente á civilisação, esclarecem e multiplicam as artes d'industria commercial; criam o proprio commercio, porque desenvolvem o gosto e despertam novas necessidades; e desdobram-n'o, engrandecem-n'o, á proporção que progridem, porque lhe multiplicam os recursos da variedade, da utilidade, do gozo e da perfeição, porque lhe augmentam a esphera dos productos e fortalecem a superioridade da concurrencia; e o desenvolvimento prospero e continuo do commercio proprio é a liberdade, o poder e a riqueza das nações.

ÉMÉRIC-DAVID.



Estreito de Magalhães. — Bahia de Orange.

FERNÃO DE MAGALHÃES.

(Continuação.)

Morto Magalhães na ilha de Matan, os que ficaram em Zebut elegeram por chefes o piloto mór Juan Serrano e o portuguez Duarte Barbosa. Um d'estes maltratou um escravo de Magalhães, que lhe servia de interprete, o qual, pór vingar-se, o malquistou com o rei da ilha, que com um falso convite conseguiu dar morte a vinte e quatro dos principaes da frota. Ainda que Serrano foi levado ferido á praia, e pedia com lagrimas, que o resgatassem, os dos navios, que, receiosos d'alguma nova traição se tinham feito de véla com a direcção de Gonçalo Gomes d'Espinosa, abandonaram o piloto mór, e seguiram o seu rumo.

Na ilha immediata de Buhol, que está em 9° 30', pela falta de gente, pois só restavam 115 homens, e pelo máo estado das embarcações, com as tres proveram duas, e, queimada a *Concepcion*, seguiram sua viagem: surgiram em Borneo, trataram com os insulares, mas deram em breve á véla fugindo de 260 canoas que para elles iam com ares hostis. Aprezaram uns juncos, e n'elles um filho do rei de Luzon, a quem o commandante, por seu livre alvedrio, poz em liberdade N'outra ilha d'este archipelago tomaram e obrigaram uns pilotos a que os dirigissem ás Molucas, onde em fim chegaram. Tiveram trato principalmente com o rei de Tidore, que estava pesaroso de que os portuguezes lhe preferissem o de Ternate para fazer em suas terras fortaleza e feitoria. Fizeram allianças com aquelles soberanos, e em pouco tempo carregaram dos exquisitos fructos d'aquellas terras. Não podendo seguir viagem a náo *Trinidad*, ficou alli para a intentar depois; [1] e a *Victoria*, unica que restava, cujo commando se tinha dado em Borneo a Juan Sebastian d'Elcano, deu á véla para a Europa com 59 pessoas. Avistou Amboino e a ilha de Banda, e determinou navegar por fóra de Sumatra, desviando-se assim da China, e de se encontrar com os portuguezes.

[1] Saiu para o Panamá, e depois de muitos infortunios arribou e se entregou aos portuguezes, que tiveram nas mãos os seus papeis. Barros viu-os. Algumas pessoas da tripulação, depois de cinco annos de ausencia, tornaram a Castella.

Considerando-se já em 34° 15' lesnordeste oessudoeste de Timor, e noroeste sueste 50 legoas de Malaca, emendaram o rumo.

Buscaram terra, que suppozeram seria o cabo da Boa-Esperança, e reconheceram (maio 1522) a costa, que corria nordeste quarta de leste sudoeste quarta de oeste umas 160 legoas a partir do rio do Infante.

A 20 legoas ao lessueste oesnoroeste do cabo, se lhes rendeu o mastareo e verga do traquete.

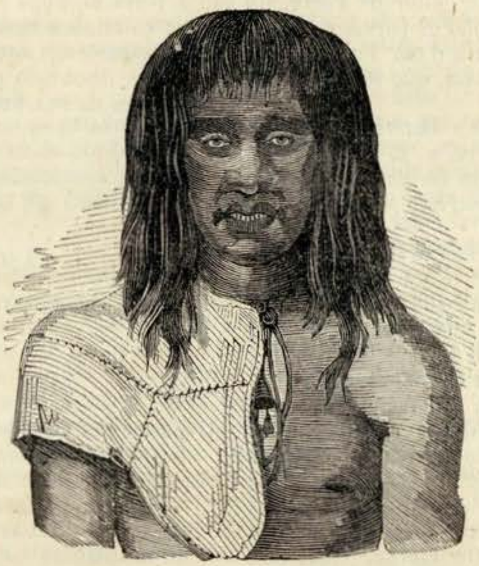
Em 21 de junho fundearam no baixo do rio Roxo em 8 braças. De tarde velejaram.

No ultimo de junho estavam a 25 legoas de Cabo-Verde, e no dia immediato a 12. Convocou-se então a gente para se saber qual conviria mais, se ir ás ilhas, se ir á terra firme, remediar a extrema carencia de viveres que padeciam, a falta de gente, e o corregimento do navio. A maioria decidiu-se pelas ilhas.

Em 9 de julho entraram n'um porto da ilha de Santiago, onde notaram a differença de um dia, entre a sua conta e a dos insulanos.

Contratando em terra, e querendo comprar negros e pagal-os com cravo, foram os do bote presos a instancias d'um portuguez: para os recobrarem foram os da náo até ao porto, onde uma barca lhes requereu que se rendessem. Queriam envial-os a Portugal na náo que vinha da India, e com gente sua tripular a *Victoria*. Insistindo Sebastian d'Elcano em que lhe restituissem o batel, ao passo que a barca continuava na contestação, temendo o não detivessem, deu todas as vélas com sós 22 homens, que tantos eram os que lhe restavam entre doentes e sãos. ([1]) Em 4 de setembro avistaram o cabo de S. Vicente.

No dia 7, tres annos menos quatorze dias depois da sua saída, só entraram em Sanlucar 18 pessoas, porque das 59 que tinham saído das Molucas, algumas por seus delictos tinham sido justiçadas em Timor, 13 tinham ficado detidas pelos portuguezes, e



Estreito de Magalhães. — Habitante da Terra do Fogo.

mais de 20 perecido na passagem. Pela sua estima tinham andado quatorze mil legoas, e cortado a linha seis vezes. Chegando a Sevilha deram graças a Deus por haverem concluido viagem tão dilatada, e Elcano e os principaes partiram logo para Valladolid, onde estava a corte, para que o imperador visse os naturaes d'aquellas remotas ilhas, que tinham sobrevivido aos incommodos da viagem; os presentes dos seus reis, que consistiam principalmente em espadas; a raridade dos passaros; e mais que tudo as preciosas especiarias trazidas por um novo caminho, que o pensamento e ousadia d'um portuguez acabavam de adquirir para Hespanha. Carlos V premiou todos, repartindo entre elles o producto da carga, e acrescentando aos chefes outras distincções. A Elcano deu 500 ducados de juro, um escudo d'armas, cujos quarteis alludiam ás varias circunstancias da viagem, tendo por cimeira um mundo com a letra *Primus circumdedisti me*. A Calvo concedeu em sua vida 50 mil maravedis. A outros, outras mercês, e brazões similhantes. ([1]) A *veneravel náo Victoria* deu origem a algumas fabulas, como a de a terem posto em terra para se conservar como perpetuo monumento d'esta expedição, o que não é verdade, porque regressando, depois, da ilha de S. Domingos para Hespanha, se perdeu, que não houve mais saber d'ella. ([2])

([1]) Herrera, dec. 3.ª, l. 1, c. 14.

Tal expedição mereceu a consideração que os poetas lhe deram. Muitos a tem cantado. Só o infeliz Magalhães não pôde chegar a recolher o fructo dos seus trabalhos. Alguem tem querido ver no fim do homem um castigo da deslealdade, e o proprio Camões, que allude a ella nos seguintes versos da est. 140 do canto X, dos Lusiadas:

> Ao longo d'esta costa que tereis,
> Irá buscando a parte mais remota
> O Magalhães, no feito com verdade
> Portuguez, porém não na ***lealdade:***

parece esquecido da razão, que elle mesmo mostrou conhecer, e todos devem respeitar, e que, antes, na est. 55 do canto II, e 138 do X, deixára consignada n'estes termos:

> Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
> Que mostrou o ***aggravado*** Lusitano;...
> . . . .
> Mas he tambem razão, que no Ponente
> D'hum Lusitano hum feito inda vejaes,
> Que de seu Rei mostrando-se ***aggravado,***
> Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Da famosa viagem de Magalhães, a qual occupa

([1]) Os que ficaram em Cabo-Verde vieram a Lisboa. D'aqui foram entregues ao imperador e considerados como presentes para a repartição da carga, que se fez entre todos. Herrera, dec. 3.ª, l. 4, c. 4.

([2]) Oviedo, 1.ª part., l. ultimo, c. 1.

logar mui distincto entre as que se tem feito á sua imitação, conservam-se noticias mui circunstanciadas nos auctores contemporaneos, como Pedro Martyr de Angleria, milanez, primeiro abbade da Jamaica, e chronista dos reis catholicos; e Gonçalo Fernandes de Oviedo, tambem chronista das Indias, os quaes conheceram os que regressaram, e d'elles houveram as informações com que teceram as suas narrações. Ramusio, auctor d'aquelles tempos, diz até, que Pedro Martyr por ordem de Carlos V escrevêra largamente esta viagem, que mandou imprimir em Roma, onde se queimou no anno de 1527, sem que se saiba que alguem a tivesse visto ou lido. Tambem se conservam impressos os extractos das do italiano Antonio Pigafeta, e d'um portuguez companheiro de Duarte Barbosa, cunhado de Magalhães; e uma carta mui prolixa de Maximiliano Transilvano, escripta nos dias do regresso da náo *Victoria*, que é copia do que disse Pigafetá. Tudo vem na collecção feita pelo mesmo João Baptista Ramusio. João de Barros escreveu sobre os papeis de Andrés de S. Martin; e de Duarte Resende, que então servia de feitor de Portugal em Ternate, e tivera em sua mão os papeis e roteiros da viagem, recebeu a offerta d'um *Tratado da navegação de Fernão de Magalhães*, que sobre aquelles dados compuzéra. (1)

Na *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas* t. IV, n. 2, publicou D. Francisco de S. Luiz a traducção do *Roteiro da viagem de Fernão de Magalhães, escripto por um piloto genovez que o acompanhou.*

As duas gravuras que agora damos do estreito de Magalhães são a bahia d'Orange, e um habitante da Terra do Fogo, que está sobre a costa meridional do estreito, fronteira á Patagonia, que fica ao norte.

A parte da Terra do Fogo, que do cabo do Espirito Santo corre para oeste até ao de S. Valentim, e para o sul e leste até cabo de Penas, é plana. Depois começa o terreno a fazer-se montuoso. O nome que todo aquelle conjuncto tem não nasceu de calores que alli se soffram, mas das fogueiras que os habitantes faziam, quando os primeiros viajantes lá foram. As montanhas, n'esta parte do estreito, estão commummente cobertas de neve eterna. Não são tão povoadas d'arvores, nem as arvores tão vigorosas nem tão grandes como do lado do norte, no continente.

A estatura dos habitantes da Terra do Fogo é regular, mais mediana, que agigantada. Tem os membros bem proporcionados e ageis, apesar do pouquissimo exercicio que fazem. A côr é tirante a cobre, uns mais escuros que outros. As feições do rosto, se nada tem de formosas, tambem nada tem de horriveis. O cabello preto mais parece clina fina e subtil, que cabello humano, o que de certo provém de trazerem a cabeça sempre descoberta. Alguns, raros, tem barba, mas mui rala.

Mal vestidos com pelles de lobo marinho; mal precavidos contra os rigores do inverno pela pelle do guanaco; aquella pobre gente é quasi sempre obrigada a alimentar-se com os mariscos que os patagões desprezam, mas que elles olham como benefico manná. Mettidos em pirogas, que chegam a ter doze e quinze pés de comprido, de casca d'arvore cozida com tendões d'animaes, vogam incessantes á procura d'alimento por aquellas praias entrecortadas. A cada passo carecem de mergulhar para destacar as conchas dos rochedos; e é ás mulheres que pertence este trabalho. A funda, o arco e as frechas são privilegio dos maridos, e lhes constituem o direito de suprema indolencia. D'este estado resulta, como já bem o fez observar d'Orbigny, que as mulheres da Terra do Fogo são talvez, de todas as selvagens da America, as que tem mais dura sorte.

A vista de campos de zonas temperadas, que o grande e infeliz navegador Dumont d'Urville, atravessando o estreito de Magalhães, encontrou tão aptos para colonos que fossem das regiões do norte, foram propheticas as palavras que proferiu acima da bahia de S. Nicoláo, dizendo que aquella posição, outr'ora occupada sem proveito pelos francezes, tornaria a ser colonisada para não a abandonarem nunca mais; antevendo que o estreito viria a ser habitualmente frequentado pelos navios, não havendo comparação possivel entre a sua navegação suave e segura, e a penivel e perigosa passagem pelos mares do cabo Horn.

Com effeito, uma das novas republicas da America do sul, o Chili, que marcha na frente de todas as outras pelo seu amor ao progresso, fundou uma colonia no estreito de Magalhães. Este estabelecimento, que data de 1843, cresce e enriquece-se sob a direcção d'um governador allemão. Infelizmente chegou á Terra do Fogo o que já se tem visto n'outras partes: os estados visinhos invejam ao Chili as suas novas possessões, e aquelle ponto esquecido do mundo é agora disputado pelos proprios que o desprezavam antes da sua prosperidade.

JOSÉ DE TORRES.

(1) S. Luiz, *Indice chronologico das naveg., viag., descob. e conquistas dos port* p. 137.

VASCO LOPES.

GRÃO-MESTRE DE SANTIAGO.

1338.

IX.

O alarme que causou o levantamento e as noticias da sua repressão eram sabidos de todos. Leonor, tremendo pela sorte de Ramiro, sentia-se devorar por uma febre ardente. Pallida, quasi moribunda, de pouco lhe valiam as consolações de Isabel, no estado de abatimento e prostração a que chegára.

Isabel, apesar da dor que lhe penetrava o coração pelo triste estado da sua amiga, tremia ao ver aproximar-se o momento que ía decidir de toda a sua vida, o momento em que deviam restituir-lhe sua filha, aquella pobre menina que tanto tinha amado beijal-a, abençoal-a e morrer logo, eram todos os seus desejos. Foi por isso que, assim que as sombras da noite se estenderam, se dirigiu á egreja conventual.

Quasi ao sair de casa, entregou-lhe um homem uma pequena tira de pergaminho. Isabel recebeu-o com gesto de receio: parou um momento, poz os olhos nas primeiras palavras, e leu, commovida, mas com avidez, todas as linhas.

«Senhora (diziam): Não sei que vae ser de mim. Em nome de Deus e de quanto ha mais sagrado para vós na terra, salvae a vida de Ramiro, que eu adoptei por filho. Está em poder do grão-mestre, e vae morrer. A vossa intercessão deve ser poderosa. Não sei quaes são as vossas relações com elle, mas o vosso nome, a vossa presença, sei que exercem sobre o seu animo um poderoso imperio. Sois a minha unica esperança!»

Era Mendo que escrevia precipitadamente estas linhas, dirigidas a D. Sancha.

—Salval-o-hei! (exclamou ella). Foi um presente do ceo vir-me ás mãos esta carta, no momento em que vou ter com Vasco. Que seria de Leonor, se Ramiro morresse!

Correu apressada á egreja. O largo estava tão so-

litario como o templo, em consequencia das extraordinarias occurrencias d'aquelle dia. Dirigiu-se á capella de Santiago, e caiu de joelhos sobre o frio marmore do pavimento, dominada pela dupla emoção de encontrar a filha perdida, e salvar o objecto do amor da sua amiga. Como os grão-mestres moravam no convento, tinham communicação interior, que da parte que lhes servia de palacio conduzia ao templo. Isabel, a principio agitada por um accesso febril, e depois prostrada pelo abatimento de todas as faculdades, não ouviu abrir uma porta por detraz do altar. Á bulha dos passos, e á sombra que projectava um homem que parou diante d'ella, estremeceu, e levantou-se com um movimento cheio de terror, mal podendo conter uma exclamação de receio. Achava-se cara a cara com D. Vasco.

Aquelle homem e aquella mulher não se tinham tornado a ver a sós depois da primeira entrevista no dia da eleição. Desde então haviam sustentado uma secreta e terrivel lucta. Ambos pallidos, viam-se e não se olhavam. Baixaram os olhos e permaneceram em silencio.

Vasco, com voz sombria, depois de ter verificado com rapida e escrutadora vista, se estavam sós na capella, disse em fim:

— Eis-me. Que me quereis?

A esta interrogação faltaram as palavras a Isabel. Vacillou um momento, e teria caido por terra, se não fosse apoiar-se na massiça balaustrada de marmore que cercava o altar. Fazendo um esforço, póde em fim responder:

— De mais o deveis saber.

— Sim, sei-o de mais. Repetiste-o mil vezes; nem um só dia passou sem que m'o recordassem os teus bilhetes imprudentes; ou sem que á minha vista levantasses a fronte ameaçadora. Se me apresento em publico, estremeço, temendo que lhe vás revelar o meu segredo. No solio magistral, quando todos me acatam, fazes-me tremer de pavor, porque penso que teus labios implacaveis vão denunciar-me. Se de noite cerro as palpebras cançadas, e encosto a cabeça á mão desfallecida, a tua imagem terrivel vem-me afugentar o somno, e a aurora encontra-me batalhando entre mil duvidas. Inimigo infatigavel, diante de mim, á todas as horas, e em toda a parte, es o meu supplicio, o meu tormento, a minha sombra.

— Porque não tens cumprido a promessa que me fizeste? Estás indeciso? Inventas obstaculos? Porque perdes agora mesmo o tempo a fallar? O prazo fatal chegou hoje. Entrega a filha a sua mãe. Quero ouvir só uma palavra. Porque te demoras tanto em proferil-a?

— Essa palavra é a minha unica salvaguarda, quando não posso confiar nos teus juramentos. Se chego a pronuncial-a, se te entrego tua filha, com ella me arrancas a alma levando-a para longe de mim, onde não chegue o meu poder, onde ninguem obedeça ás minhas leis. E se ficasses em Uclés, o que podia conter-te? Vê quanto me tens feito padecer; vê estas faces enrugadas, este rosto demudado, estes cabellos encanecidos. Repara nos profundos sulcos que as magoas me cavaram na face. O corpo sinto-o debil e quebrantado. Que mudança em tão poucos dias! Os cavalleiros alegram-se, vendo-me assim, e calculam proximo o dia de eleger outro grão-mestre.

Aquelle homem tão altivo, tão cruel, momentos antes, com o ancião, pedia agora compaixão a uma mulher, e quasi a demovia com suas palavras. Isabel senhoreou entretanto esse sentimento.

— Fallas de tormentos? (lhe disse ella). Não te compungem os meus? Não tens cem vezes sacrificado e vendido o meu amor? Em quanto no cumulo do poder saboreas os prazeres da ambição, só eu, infeliz no mundo, não choro amargamente! Que se me dá das tuas penas? Que tenho com a dor que enruga a tua fronte? Pretendes falsear ainda as tuas promessas? Has de cumpril-as hoje. Minha filha!... Já, já minha filha!...

— Minha filha! sempre minha filha! Estou cançado de ouvil-o. Não te lembras que sou grão-mestre de Santiago, que estás em Uclés.... que posso tudo em Uclés?...

— O teu rosto adusto e altivo não me inspira o menor temor (respondeu Isabel com amargo sorriso). Não te temo nem como Vasco, nem como grão-mestre; nem a sós comtigo n'esta capella, nem quando vou procurar-te ao capitulo em dia da eleição. Lembras-te? Se dependesse de ti, já me terias dado morte. A minha salvação é esse documento, vivo testimunho do teu crime, que póde lançar por terra toda a tua grandeza. Não sabes onde elle está, como eu não sei onde tens minha filha. Ainda que eu morra, essa prova, solemne e terrivel, viverá, e poderá sortir effeitos n'outra mão. Já vês que com estas armas não tenho medo.

Vasco olhava-a com attenção; scintillava-lhe nos olhos um odio indefinivel. Isabel continuou a pôr sobre elle vistas atrevidas, e com tom de imperioso menosprezo, repetiu:

— Minha filha!...

— E quem me responde pelo teu silencio? Não estarás sempre ao meu lado com o teu fatal segredo, com espada cortante suspendida sobre minha cabeça? E em paga do teu silencio não exigirás de mim favores sobre favores, concessão sobre concessão?

Isabel, entregue toda ao pensamento de sua filha, esquecêra a amiga e o seu amante. As palavras de D. Vasco fizeram recordar-lh'o. Affectando ar de indifferença retorquiu:

— Dizes bem. Tenho uma graça a pedir-te. Não esperes que seja importuna, nem te peça mais. Juro-o, e bem sabes quanto tenho sido fiel aos meus juramentos. Exijo que ao mesmo tempo que me entregas minha filha, me outorgues a vida d'um homem que tens preso.

— Não o dizia eu! Cumpriu-se o prognostico. «Com minha filha me darás a vida d'um delinquente. Depois me concederás tal favor, tal graça, tal petição» e depois, como sempre, ameaças! Acabemos com isto por uma vez. Quem é aqui grão-mestre? Pretenderás tambem reger a ordem, presidir ao capitulo, vestir a cruz de Santiago, e que te entreguem as villas e fortalezas?

— Assim te encolerisa um pedido tão simples! O que peço não merece tal repulsa. Tenho soffrido as dilações que tens posto á entrega de minha filha; tenho direito a pedir....

— Sempre os teus direitos! Tambem eu tenho direitos, e saberei sustental-os. Só tenho prisioneiros quatro rebeldes. Acaso os protegerias contra mim na sua louca empreza? Sinto dizer-te que a sua vida ou a sua morte não dependem de ti.

No ar sombrio, no gesto terrivel de Vasco ao pronunciar estas palavras, descobriu Isabel toda a imminencia do perigo. Replicou com ar supplicante:

— A sua vida... peço a sua vida, porque d'ella depende outra mui cara para mim!

O grão-mestre encarou-a com signaes de triumpho. Era uma victoria ver aquella mulher, que tanto o havia feito tremer, supplicar quasi desfallecida!

— Acaso algum d'esses rebeldes era teu amante?

— Não amei senão uma vez (disse ella, levantando a cabeça com altiva dignidade). O amor tornou-se impossivel para mim. Outro, não menos nobre, é o sentimento que me dirige.

— Queres tua filha, e queres o perdão d'um homem! É muito. D'essas duas cousas só te devo uma. Escolhe.

Isabel emmudeceu indecisa.

— Uma cousa ou outra? (tornou D. Vasco).

— Isso é horrivel! É uma escolha tremenda, que minha alma não póde fazer. Quererás que renegue a amiga?

A dor abysmou-a. Vasco, que entreviu a possibilidade de resgatar com a vida d'um dos rebeldes o documento fatal, objecto do seu incessante temor, receava agora que já tivessem executado as suas ordens. Porque cada minuto que decorria era d'um valor inestimavel, disse como se fosse diabolica tentação:

— Não queres que a amiga te renegue? Mas o teu silencio causa a morte d'esse homem; um instante que se perde vale a eternidade. O algoz levanta a hacha sobre a cabeça que vae cair por terra n'um lago de sangue! É horrivel morrer ás mãos do algoz... Minha filha perto de mim, amparada por mim, passará a vida contente e feliz, nadará em opulencia, cercal-a-hão adorações e prazeres!... Decide... Ou tua filha, ou o perdão do réo... Falla, que o tempo perde-se irremediavelmente!

No cumulo da dor, a desventurada titubeou, estendeu os braços como para buscar apoio, e fazendo um esforço violento, quebrou o silencio.

— A vida do preso!

— O seu nome? já o seu nome! (gritou Vasco com anxiedade). Dize-o, Isabel! Olha que talvez já não seja cedo!

Isabel entreabriu os labios, e como fraco suspiro sentiu-se-lhe pronunciar:

— Ramiro!

— Ah! (gritou como energumeno o grão-mestre, apertando com desesperação a cabeça entre as mãos). A maldição de D. Mendo caiu sobre mim!

Estava perdido pela pressa que tivera em vingar-se. Todas as esperanças se lhe desvaneciam. N'aquelle momento quizera antes que os rebeldes tivessem vencido, que a fortaleza se afundára com frades e cavalleiros, e a villa com aquella mulher, que tão fatal e obstinadamente o perseguia. Assim os quarteis do seu brasão teriam passado puros á posteridade, e o seu nome não receberia uma mancha infamante.

Isabel continuava abatida. Os olhos de Vasco fixaram-se n'ella com expressão de ironica ferocidade.

— Seja o que escolheste!... Ainda não é de todo noite. D'aqui a pouco, quando saires da egreja, mandar-te-hei recado por Ruy Perez. Has de encontral-o á entrada do templo. Por elle saberás o que respondo. Acabámos por hoje. Ámanhã fallaremos de nossa filha.

Deu alguns passos para sair, mas voltou-se de novo para dizer mais estas palavras:

— Ámanhã mui cedo me verás. Antes que desponte a aurora serei em casa de D. Sancha.

Dizendo isto abriu a porta secreta e saiu. Iria satisfeito com a vingança? O temor de que áquellas horas Isabel divulgasse o seu segredo, assaltou-o um instante; mas tranquillisou-se, porque reflexionou que de noite nada podia temer. O povo dormia, ou desapparecêra aterrado; as ruas e praças estavam desertas; os cavalleiros repousavam cançados.

— Ámanhã (dizia Vasco entre si) irei vel-a. Encontre embora a filha, mas recolha-se a prova fatal, e cerrem-se-lhe para sempre os labios.

X.

Quando Isabel saía da egreja, Ruy Perez foi-lhe respeitosamente ao encontro. Uma viva emoção lhe fazia a voz vacillante e intercadente.

— Sou a mulher de quem D. Vasco vos deve ter fallado. Recebestes as suas ordens? Entregaes-me Ramiro?

Ruy Perez olhou para ella com assombro. Isabel repetiu:

— Ramiro é o filho adoptivo do vosso prior. Entregae-me Ramiro!

— Sempre quereis vêl-o? (respondeu o familiar).

— Sim, agora mesmo, n'este instante.

Ao pallido crepusculo vespertino ainda da praça se avistava distinctamente a porta d'Uclés. Ruy Perez apontou para lá com a mão. Isabel acompanhou este movimento com a vista.

— Oh! isto é horrivel! (exclamou ella, caindo por terra desmaiada).

Com effeito, sobre as ameias da torre da porta estavam hasteadas quatro lanças, e na ponta de cada lança a cabeça d'um homem.

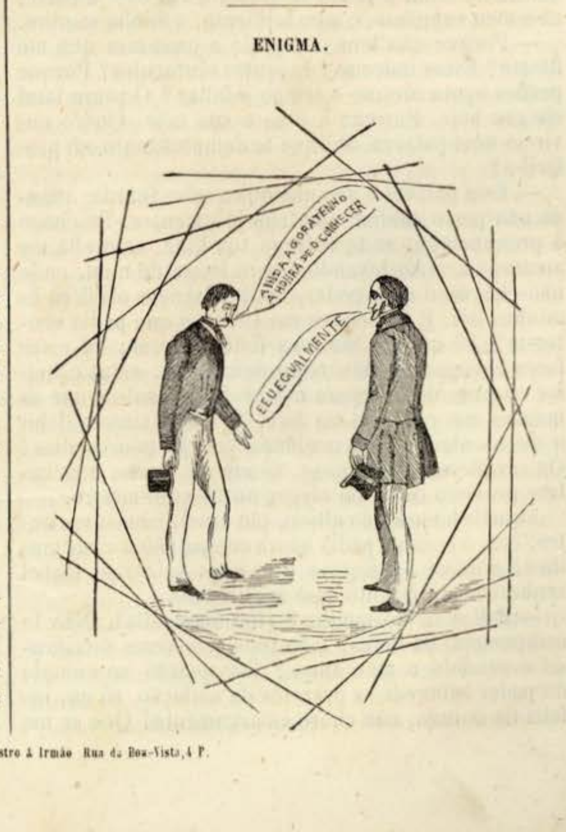
— Uma d'ellas é de Ramiro, (disse Ruy Perez meio commovido).

(Continúa).

O amor, a inveja e o odio não se dirigem indifferentemente a qualquer objecto; mas a colera, essa sempre em tudo e em todos se precipita: amigos, inimigos, paes, filhos e até os proprios deoses, nada escapa á sua furia. Thamyris partiu a sua lyra nos transportes da raiva, e Pandarus fez juras, proferindo as mais horriveis imprecações contra si proprio. Xerxes, depois de haver levado a extravagancia até ao delirio de mandar açoutar o mar, escreveu ao monte Athos n'estes termos: «Athos, monte orgulhoso, cujo cume se eleva até ao ceo, se te oppozeres ás obras que pretendo fazer dos teus rochedos, não os deixando facilmente desprender, corto-te pela base, e precipito-te no mar.» Convimos em que, se ha transportes de colera funestos e horriveis, ha tambem outros demasiadamente burlescos e risiveis. Paixão alguma merece mais odio e desprezo ao mesmo tempo. Se todos tivessem alguem que, no momento da sua colera, lhes apresentasse um espelho, creio que ninguem poderia ver-se sem vergonha de si proprio, e abominaria d'uma vez para sempre tão desprezivel paixão.

PLUTARCHO.

ENIGMA.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão Rua da Boa-Vista, 4 F.